



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

AVALIAÇÃO DIAGNÓSTICA FAMILIAR E O USO DE INSTRUMENTOS COMO FACILITADORES

Hellen Lima Buriolla (hellenburiolla@gmail.com);

Maíra Bonafé Sei (mairabonafe@gmail.com)

Universidade Estadual de Londrina – UEL

Resumo

O período de avaliação diagnóstica familiar é fundamental para investigar a viabilidade do tratamento e o estabelecimento do processo terapêutico. Trata-se de um estudo qualitativo, a partir do referencial psicanalítico, que objetiva analisar o uso de instrumentos nas entrevistas iniciais na avaliação diagnóstica familiar. Participou deste estudo uma família encaminhada, pelo sistema judiciário, para psicoterapia familiar. Foram realizadas seis sessões com a família, nas quais foram utilizados três instrumentos: Arte Diagnóstico Familiar; Genograma e Linha da vida. Os resultados apontam que os instrumentos facilitam o acesso a informações do pré-consciente no período das entrevistas iniciais e auxiliam na avaliação da demanda terapêutica, possibilitando aos próprios membros da família a elucidação da sua demanda.

Palavras-chave: psicanálise; família; demanda terapêutica; violência familiar.

Introdução

A psicoterapia familiar, na maioria dos casos, ocorre com famílias encaminhadas involuntariamente para a psicoterapia. Assim, a demanda por este tipo de atendimento advém de um terceiro, e não exclusivamente pelas motivações dos membros do grupo familiar. Desta forma, cabe ao psicoterapeuta a função de auxiliar a família a perceber a demanda pela psicoterapia familiar, se acaso houver, ao longo das entrevistas iniciais.

As entrevistas iniciais almejam analisar a efetiva disponibilidade para o tratamento, bem como a construção do enquadre terapêutico com a família, a análise das cenas da vida familiar e os paradoxos atuais do grupo familiar (Berger, 1989). Desta forma, o momento das entrevistas iniciais busca o desembaraçamento dos psiquismos dos pais e da criança ao longo de uma série de cinco a seis entrevistas com a família para explicitar o processo terapêutico e viabilizar o tratamento (Berger, 1989; Ramos, 2006).

Diante disso, os instrumentos podem ser utilizados como facilitadores no *setting* terapêutico para elucidação de conteúdos inconscientes, já que adquirem um



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

caráter mediador, que possibilita a colocação do imaginário, portanto, são mobilizadores do espaço pré-consciente (Vacheret, 2000). O pré-consciente, segundo Kaës (1999), é responsável pelos “processos de transformação que sofrem certos conteúdos e processos psíquicos para retornar à consciência. É a esse sistema que se junta a capacidade associativa, tradutora e interpretativa da psique” (p. 92). Posto isso, buscou-se discutir as contribuições de instrumentos como facilitadores da avaliação diagnóstica familiar na etapa de entrevistas iniciais na psicoterapia familiar.

Procedimentos metodológicos

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, empreendida por meio do estudo de um caso clínico, com base na Psicanálise de família. O caso refere-se a uma família encaminhada pelo sistema judiciário de Londrina para psicoterapia familiar no Projeto de Extensão "Clínica Psicanalítica de Casal e Família na Clínica Psicológica da UEL", da Universidade Estadual de Londrina.

Foram realizadas seis sessões com a família, nas quais, após assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, foi aplicado o Arte Diagnóstico Familiar, técnica composta por seis desenhos (a) Primeiro desenho livre; (b) Retrato da família; (c) Retrato da família abstrata; (d) Rabisco individual; (e) Rabisco em conjunto; (f) Segundo desenho livre (Kwiatkowska, 1975). Em seguida, a técnica da Linha da vida, que consiste em uma linha em que todos os membros da família podem demarcar temporalmente eventos significativos ao longo da história de vida do grupo familiar (Poletto et al, 2014). Por último, o Genograma que é uma técnica na qual a família deve representar no papel uma espécie de árvore genealógica contendo pelo menos membros da família das últimas três gerações (Franco & Sei, 2015).

Ao finalizar a aplicação dos instrumentos, foi realizada no sexto encontro uma devolutiva, com convite à família para olhar para as produções dos encontros prévios, solicitando-se que falassem de suas impressões, dúvidas e quaisquer outras associações tidas diante do material exposto. Após isso, foram expostas observações acerca dos atendimentos realizados e da demanda terapêutica.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL

30 e 31 de agosto de 2018

Resultados e Discussão

A família foi encaminhada pelo sistema judiciário para psicoterapia familiar, com tratamento indicada à Carmem (mãe, 47 anos), Luiza (filha, 12 anos) e Joaquim (genitor da criança), todos nomes fictícios. Entretanto, Carmem e Joaquim estavam separados e haviam constituído outras famílias. Com isso, a psicoterapia foi realizada apenas com mãe e filha, já que ambas residiam juntas. Esta era uma família cuja violência perpassava os espaços intra e intersubjetivos. Carmem havia sido casada três vezes, com o primeiro e o segundo casamento, este último com Joaquim, tendo sido relacionamentos abusivos. Quanto ao terceiro e atual casamento não havia relato de alguma violência sofrida.

No que se refere à técnica do Arte Diagnóstico Familiar (ADF), considera-se que este recurso possibilitou analisar que mãe e filha apresentavam uma interação saudável, com brincadeiras, risos e com bastante abertura para a comunicação entre ambas. Isto foi possível observar por meio de todos os desenhos propostos, mas principalmente pelo desenho do Rabisco Coletivo, por meio do qual as duas puderam criar um desenho em conjunto iniciado com um rabisco e intitulado de “O avião dos Monstros”.

A história relatada na “Linha da Vida” pode explicitar possíveis origens para este título. Neste sentido, há alguns anos, logo após se casar com Joaquim, a família havia se mudado para outro país. Luiza era recém-nascida e, ao chegar ao aeroporto, Joaquim foi extremamente agressivo com Carmem, com os episódios de agressão tendo piorado ao longo dos anos em que haviam vivido fora do Brasil.

A linha da vida possibilitou, ademais, acessar informações referentes aos episódios de abuso sofrido por Carmem ao longo de toda a sua vida, demonstrando um grande sofrimento psíquico que pôde ser observado tanto no relato da sua linha da vida como pelos desenhos do ADF. Por meio do genograma, pôde-se observar que os episódios de violência adivinham das gerações anteriores, com muitos conflitos em relação à figura materna e paterna de Carmem, tanto que ela não possuía nenhuma relação com sua família de origem.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL **30 e 31 de agosto de 2018**

Quanto à linha da vida de Luiza, ela apresentou uma visão “ajustada” para sua faixa etária. A adolescente, por meio de seus desenhos foi demonstrando episódios da infância, como sua mudança para o exterior, sem negar as experiências vividas. Luiza tinha seis anos quando mãe e filha retornaram ao Brasil, não tendo muitas lembranças desta época e Joaquim sempre se relacionou muito bem com Luiza, sem cometer atos violentos contra Carmem na sua presença. Luiza na maioria das representações deu ênfase às amizades e às mudanças escolares ocorridas desde a volta para o Brasil.

Na sessão de devolutiva, ao verem todas as suas produções, falaram sobre o que conseguiam enxergar a partir das representações gráficas feitas por elas. Foi interessante perceber a reação de Carmem ao ver que a maioria dos conteúdos se referia às violências sofridas por ela e que o seu último desenho livre do ADF parecia uma flor sangrando, mas que ao mesmo tempo representava vida. Após esse apontamento de Carmem, conversou-se sobre o encaminhamento dela para uma psicoterapia individual, com a percepção dela de que isso seria importante para elaboração de suas vivências prévias.

Conclusões

Por meio dos instrumentos como mediadores nas entrevistas iniciais, observou-se que não havia uma demanda para psicoterapia familiar, mas sim individual para Carmem. Os instrumentos em conjunto com o manejo terapêutico possibilitaram o acesso a conteúdos pré-conscientes, percebendo que havia o ciclo de violência ao seu redor que havia gerado muitas marcas em seu psiquismo e que seria importante buscar ajuda para elaboração dos acontecimentos em sua vida.

Referências

- Berger, M. (1989). *Prática das entrevistas familiares*. Tradução Virginia G. Cardoso. Campinas: Papirus.
- Eiguer, A. (1985). *Um divã para a família: Do modelo grupal à terapia familiar psicanalítica*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Franco, R. S. & Sei, M. B. (2015). O uso do genograma na psicoterapia psicanalítica familiar. *Gerai: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 8(2), 399-414. <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/gerais/v8n2/v8n2a09.pdf>.



I Congresso do Programa de Pós-graduação em Psicologia da UEL 30 e 31 de agosto de 2018

Kwiatkowska, H. Y. (1975). Instruções para conduzir sessões de Arte-Diagnóstico Familiar. *Manuscrito não-publicado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, RJ.

Poletto, M., Kristensen, C., Grassi-Oliveira, R., & Boeckel, M. (2015). Uso da técnica da linha de vida em terapia familiar sistêmica cognitivo-comportamental. *Revista Brasileira De Terapia Comportamental E Cognitiva*, 17(1). <https://doi.org/10.31505/rbtcc.v17i1.773>

Ramos, M. (2006) *Introdução à terapia familiar*. São Paulo: Claridade.

Vacheret, C. (2000). Développement de quelques pistes théoriques. In C. Vacheret (org.), *Photo, Groupe et soin Psychique* (p. 159-160). Lyon: PUL.